

CLIPPING MIRANDA			
MEIO	JORNAL DE NEGÓCIOS		
Nº PAG.	16	DATA	2 de janeiro de 2018

PRIMEIRA LINHA **COMO OS LÍDERES VÊEM 2018**

Sendo um optimista por natureza, acredito que 2018 será um ano positivo, em geral.

É verdade que estamos numa fase de alguma incerteza, mas também existe ainda oportunidades de crescimento social e económico. Se há algo que os últimos anos nos demonstraram é que com força de vontade e capacidade de trabalhar em equipa é possível atingir bons resultados. Basta ver o caso do Turismo em Portugal que na última década se tornou um exemplo de sucesso internacional.



MÁRIO FERREIRA
CEO da Mystic Invest

Vejo 2018 com algum optimismo. Face ao ano anterior, a conjuntura internacional é mais favorável e a nível interno as expectativas são também mais positivas. O desafio passa por sermos capazes de assumir o desenvolvimento como verdadeiro desígnio nacional: isso passa por mais e melhor internacionalização, mais economia e mais competitividade nos segmentos de maior exigência.



JOAQUIM CUNHA
Director executivo do Health Cluster Portugal

O ano de 2018 comporta inúmeros riscos. Com a dívida pública a continuar a aumentar em termos absolutos. Com o aumento do endividamento das famílias, por via do aumento da concessão de crédito. Com o aumento esperado das taxas de juros! Com o aumento significativo de custos recorrentes do Estado contemplados no orçamento. Com o crescimento dos proveitos assente em expectativas positivas do Turismo e das exportações... que podem ser afectadas negativamente por factores exógenos não controláveis. De forma realista, diria que tudo tem que correr muito bem, para que não corra tudo mal!



JOÃO MIRANDA
CEO da Frulact



AGOSTINHO PEREIRA DE MIRANDA
Presidente do Conselho Superior da Miranda & Associados

Um ano promissor no plano do crescimento do produto mundial mas cheio de incertezas e riscos políticos. A variável mais importante continuará a ser a das decisões do presidente Trump, tanto na frente doméstica como na internacional. Qualquer erro maior poderá por à prova a ordem jurídica internacional e/ou a sustentabilidade do sistema financeiro mundial. Na Europa vamos ver em 2018 se a França consegue impor uma nova liderança e o seu modelo de reforço institucional da União. Portugal pode muito bem cumprir mais um ano de verdadeira quadratura do círculo em que as esquerdas sustentam com pouco entusiasmo medidas tangencialmente progressistas que permitam manter a direita fora do favor dos eleitores.



ANTÓNIO COMPRIDO
Secretário-geral da Apetro

Será 2018 muito diferente de 2017? Temos que colocar a questão a vários níveis: global, regional e nacional. Em termos globais resta perceber como evoluirão alguns dos grandes temas: a questão do terrorismo internacional, na sequência do aparente desmantelamento do Estado Islâmico; a crescente tensão em torno da Coreia do Norte e como é que a China desempenhará o seu papel de último recurso junto do governo daquele país; as migrações; e ainda o crescente isolamento dos Estados Unidos em torno de grandes temas comuns como são a questão das alterações climáticas, o comércio livre e ainda a recente tomada de decisão relativamente a Jerusalém. Existem, portanto, vários motivos de inquietação. Do lado positivo temos as projecções de um crescimento económico razoável, da redução, ainda que insuficiente, da pobreza e a progressiva tomada de consciência que a correcta gestão dos recursos naturais é cada vez mais urgente face ao crescimento da população mundial, à delapidação desses recursos e ao impacto que a sua utilização tem no planeta e, consequentemente, no nosso modo de vida. No plano regional, e focando-nos na União Europeia, continuamos sem conseguir avaliar na totalidade as consequências do Brexit, até mesmo porque ainda há um longo caminho negocial a percorrer. Contudo, uma coisa para mim é certa: a UE ficará mais pobre, quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista político sem o Reino Unido. Sendo um europeísta convicto, há outro aspecto que me preocupa: o peso da burocracia europeia, a lentidão do processo legislativo e de tomada de decisão e a necessidade permanente de atender aos interesses nacionais que, muitas vezes, estão em contradição com os interesses da União. Não sei como se resolve, mas a continuarmos neste figurino arriscamo-nos a ficar para trás em relação a outras regiões do globo. Finalmente no plano nacional. Sendo Portugal um pequeno país com uma economia aberta e completamente dependente do financiamento internacional, há que ter esperança que não haja factores externos que prejudiquem o caminho de recuperação que encetámos. A melhor maneira de lidar com essa situação é acelerarmos a processo de redução da dívida externa, melhorarmos a competitividade da nossa economia, apoiarmos a inovação e diversificando os mercados exportadores. As tensões internas entre partidos com conceitos da sociedade e da economia completamente distintos e, em muitos casos antagónicos, têm até agora resultado num equilíbrio virtuoso com resultados positivos no crescimento económico, na redução do desemprego e na melhoria das exportações. A questão fundamental é se, perante um quadro exterior menos favorável, essas tensões terão o mesmo efeito ou, se pelo contrário, servirão para agudizar os problemas. Em suma, e como referi, muitas incógnitas à nossa frente que me levam a ter um optimismo moderado relativamente ao ano que se iniciou.

Há expectativas que 2018 mantenha o curso de um crescimento económico moderado mas sustentado. O país vive uma fase promissora, tendo a sua reputação internacional em alta. Para que tal não resulte prejudicado importa apostar numa desburocratização estrutural e no controlo das contas públicas. No sector jurídico, as empresas vão sentir os efeitos de diversas reformas legislativas recentes (Regulamento de Dados Pessoais, Código dos Contratos Públicos, DMIF II, PRIIPS, PSD II, Crédito imobiliário) que colocarão severamente à prova a sua capacidade de adaptação e de "compliance".



PAULO CÂMARA
Managing Partner da Sérvulo & Associados



CARLOS FIOLHAIS
Professor da Universidade de Coimbra e administrador da Coimbra Genomics

O mundo está cheio de incerteza: é, por exemplo, difícil prever os humores de Trump. Mas para Portugal espero que continue e até se reforce o caminho de recuperação de confiança. Na ciência e tecnologia precisamos de mais emprego científico e maior presença de doutorados nas empresas, reforçando a competitividade destas.

De uma forma bastante optimista.



PAULO RALHA
Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Impostos